

JOÃO PAULO II & BENTO XVI – DOIS PAPAS PARA A ETERNIDADE!

Amizade afectada de Amor, confiança mútua sem mácula, profícua correlação intelectual e profunda afinidade teológica, assim se pode definir o relacionamento entre o Papa Polaco e o Cardeal Alemão Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. Com eles laborou a dupla de sucesso espiritual dos tempos modernos – dois Príncipes da Igreja.

A João Paulo II seguiu-se, com naturalidade, Ratzinger na Cadeira de São Pedro. Uma bênção de Deus e um bem para a humanidade!

Karol Wojtyla – João Paulo II (1920-2005)

O Grande Papa, Papa da Família!

Entronizado a 22 de outubro de 1978, o polaco Karol Wojtyla foi o primeiro papa eslavo da história e o primeiro não italiano em 455 anos. Foi Papa João Paulo II em homenagem ao antecessor João Paulo I, que padeceu ao fim de curtos 33 dias de pontificado. Após 27 anos de pontificado (o 3.º mais longo), a imagem que deixou é a de um misto de pai exigente, enérgico e justo, e de avô complacente, resistente e disponível!

Parece que ainda o temos junto de nós e a sua presença sente-se em cada uma das Jornadas Mundiais da Juventude (JMJ), instituídas em 1985 e realizadas pela primeira vez em Roma, no ano seguinte. Nascia, assim, «um encontro multicultural, uma peregrinação, uma festa da juventude, uma expressão da Igreja universal e um momento forte de evangelização do mundo juvenil». Doravante, as JMJ percorreriam treze países de quatro continentes, com participação de milhões de jovens unidos ao Santo Padre: Buenos Aires, Santiago de Compostela, Częstochowa, Denver, Manila, Paris, Roma e Toronto, com João Paulo II; Colónia, Sydney e Madrid, com Bento XVI; Rio de Janeiro, Cracóvia, Cidade do Panamá e Lisboa, com Francisco.

Particularmente, João Paulo II, sedutor na conquista das novas gerações, em quem depositava a esperança de um futuro confiável: *“jovens, o Papa sente-se imensamente feliz na vossa companhia. Sejam os pais do futuro, sejam os filhos e filhas da luz”*. Jovens que sentiam Cristo na sua presença e através dele O procuravam.

Papa peregrino, muito activo na difusão da fé, correu mundo em ‘incontáveis’ viagens apostólicas, cativando e sendo cativado pela liberdade e aventura:

“quero chegar a todos aqueles que rezam, desde o beduíno das estepes até ao monge do convento; desde o doente, os oprimidos até aos humilhados, a todos os lugares”. Afetivo no contacto com as multidões, esbateu a solenidade esfíngida papal, transformando praças, estádios, descampados em «novas catedrais cheias de povo orante».

Viagens! Onde a abertura ao diálogo com outras igrejas marcou presença, abrindo uma nova página relacional entre Cristãos, Judeus e Muçulmanos, sendo o primeiro Papa a entrar e rezar numa sinagoga e numa mesquita. Como o foi deslocar-se a países protestantes como a Finlândia, da Escandinávia ou ao Reino Unido, bem como ao Oriente Ortodoxo.

Foi também exemplo de uma igreja mais próxima dos pobres e dos deserdados, de mãos dadas com Santa Madre de Calcutá. Como ele referia, “não é com o dinheiro ou com o poder que a Igreja deve contar, mas com os pobres e os oprimidos”, fazendo jus que a ‘Igreja vive da promessa dos ricos e da esmola dos pobres’.

Papa da Família, João Paulo II dispôs-se atender aos desvarios comportamentais da sociedade. Desenvolveu uma teologia intransigível a desvios dogmáticos capazes de colocarem em causa as verdades de Cristo reveladas no Evangelho.

Mostrou-se audacioso na política internacional, sendo um dos paladinos da falência do ateísmo marxista-leninista soviético, em 1991. Foi prudente na economia, olhando a economia de mercado como um modelo passível de contribuir para o bem comum, enquanto criticou o explorador capitalismo selvagem.

«Não tenhais medo», exortava, enquanto bandeira de esperança para uma humanidade receosa e temerosa. Resistiu a atentados contra a própria vida, constituindo o de 13 de maio de 1981 na Praça de São Pedro o mais gravoso, levando-o a venerar a Virgem Maria como Santa protetora e a encontrar em Fátima o seu altar espiritual. Que o acolheu por três vezes (1982, 1991 e 2000), a última em 12-13 de maio de 2000, ano do Jubileu, onde exprimiu a «profunda estima e afecto a todos os portugueses, a quem desejo um futuro de paz, bem-estar e prosperidade, prossequindo na senda das suas tradições e valores pátrios mais genuínos, que assenta no Cristianismo». Beatificou nessa altura Francisco e Jacinta Marto e revelou o 3.º Segredo de Fátima.

Enfim, num mundo que apeia perante as dificuldades, carregou corajosamente a cruz da sua enfermidade física degenerativa até ao fim. Um sofrimento pela expiação dos males que assolam a humanidade, a começar na velha Europa, a quem aconselhou: “encontra-te”.

«Deixai-me para a Casa do Pai!»! Assim se despediu na noite de 2 de abril de 2005. Logo que o triste, mas esperado desenlace, foi anunciado, gritou-se na praça de São Pedro, em Roma, «Santo Subito». Foi-o realmente: proclamado “Venerável” (19 de Abril de 2009) e “Beato” (1 Maio de 2011) pelo sempre amigo e grande admirador e sucessor, Papa Bento XVI. Subiu ao altar dos Santos em 27 de Abril de 2014, em cerimónia presidida pelo Papa Francisco e perante a presença do Papa Emérito Bento XVI.

João Paulo II foi santo vestido de branco com que Deus nos agraciou neste nosso tempo.

Bento XVI (1927-2022)

Papa Profeta ou a Alegria da Certeza!

No último dia de 2022, aos 95 anos de idade, Joseph Ratzinger-Bento XVI foi ao encontro da «Face de Deus», Aquele a quem representou na terra com fé, humildade e humanidade.

Um Doutor da Igreja, na senda de São Gregório Magno, São Tomás de Aquino ou São Francisco de Sales; um ensaísta místico, um Homem reflectido e um Religioso atento aos trilhos da Igreja de Cristo. Legou-nos uma obra teológica e pastoral compreendida por uma centena de livros e mais de 600 artigos, traduzidos em quase todas as línguas. Alguns deles coletâneas de catequeses ensinadas à comunidade. Bem exortava Santo Agostinho, «Crer para Conhecer; Conhecer para Crer».

Como meu «Catequista» Maior, destaco: i) trilogia de «*Jesus de Nazaré*» – leitura obrigatória de qualquer cristão; ii) «*Os Doze Apóstolos*»; iii) «*Os Padres da Igreja. De Clemente Romano a Santo Agostinho*»; iv) «*Padres e Doutores da Igreja*»; v) «*Os Mestres*»; vi) «*Santas e Beatas. Figuras Femininas da Idade Média*»; vii) «*Ser Cristão na Era Neopagã*»; viii) «*Conteúdo e Orientações para uma Catequese Renovada*». Teologicamente profunda e cientificamente rigorosa, a escrita dos seus textos é de uma simplicidade e clareza espantosa, de leitura assaz acessível. Esta singeleza está patente no Prefácio de «*A Infância de Jesus*», quando diz “tomei a peito dialogar com os textos.

Estou bem ciente de que este diálogo, na ligação entre passado, presente e futuro, não poderá jamais dar-se por completo e de que toda a interpretação fica aquém da grandeza do texto bíblico”.

Bento XVI, um Pensador de espiritualidade profunda, um Académico de imenso saber, Homem refletido e um Papa atento aos trilhos da Igreja de Cristo. Pouco atreito a superficialidades espirituais, a vacuidades sociais ou a frases à medida de ‘adeptos’, alertava que “um Cristianismo que está de acordo com tudo e que é compatível com tudo é um Cristianismo supérfluo”.

Sucedeu ao «Grande Papa» São João Paulo II (expressão sua) e tomou, não por acaso, o nome Bento, do Santo Padroeiro da Europa. A Europa, centro civilizacional da humanidade entregue ao ateísmo, hedonismo, relativismo e liberalidade social; enquanto em África e nas Américas pululam as seitas, no Médio Oriente o cristão é mártir e na Ásia as dificuldades de evangelização são evidentes.

Fomos da Roma imperial, convertida por Apóstolos, discípulos e evangelizadores, à Roma Comunitária, apóstata e em desagregação, rendida à indigência sócio-religiosa. E quanto ele alertou para a situação. Também por isso se lhe pode adaptar o prólogo do Evangelho de São João: «Veio para dar testemunho da Luz – a Luz brilhou nas trevas; o Mundo não o escutou – as trevas não receberam a Luz».

Parece-me que Joseph Ratzinger chegou tarde ao Pontificado (19 de abril de 2005) e que Bento XVI se tornou Emérito cedo demais (28 de fevereiro de 2013), o primeiro a decidi-lo desde o pontificado desde o papa Celestino V em 1294. Mas a marca, a sua marca de santidade profética, ainda pouco perceptível neste mundo apóstata, irromperá.

Entre 11 e 14 de maio de 2010, estive em Portugal em visita pastoral. Além de presidir às celebrações de Fátima, estive ainda em Lisboa e no Porto, onde celebrou missa no Terreiro do Paço e na Avenida dos Aliados, respetivamente.

O Papa Bento XVI não foi a tempo e não teve tempo; veremos o que o tempo nos reserva. Confiança e não temamos, exortava São João Paulo II. Até porque, afinal, a Igreja é Obra de Deus e o Papa Bento foi um servo dileto que será sempre presente! Aos leitores, aconselho a leitura do seu poderoso «O Meu *Testemunho Espiritual*», escrito em 2006 e dado a conhecer, aquando do seu passamento, pela Santa Sé. Ali nos pede para permanecermos firmes na fé e que rezemos por ele,

para «o Senhor, não obstante todos os meus pecados e insuficiências, me acolher nas moradas eternas».

«Senhor, eu te amo», foram as suas derradeiras palavras antes de ir ao Seu encontro, e dele disse o Papa Francisco: «só Deus conhece os sacrifícios que ele fez pelo bem da Igreja».